

## MACUNAÍMA, SIGNO E CORDIALIDADE BRASILEIRA

### MACUNAÍMA, BRAZILIAN SIGN AND CORDIALITY

José Márcio Correia de Queiroz  
Mestre em Linguística  
Universidade Estadual do Piauí  
queirofelix@yahoo.com.br

**RESUMO:** *Macunaíma* corresponde à primeira abordagem do caráter brasileiro em uma obra de ficção e acredita-se que também é a primeira a trazer o tema da cordialidade brasileira. No entanto, há uma lacuna nos estudos literários quanto ao devido tratamento da relação do herói com o homem cordial presente em *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. No intuito de suprir esta lacuna, o presente trabalho, com base em Holanda (1976), Proença (1978) e Zilberman (2002), pretende interpretar as ações dos personagens em *Macunaíma* a partir do homem cordial. Para isso, foram obedecidos os seguintes procedimentos: as evidências foram verificadas a partir de dados extraídos diretamente do texto do romance e depois confrontados com as interpretações dos autores mencionados. Deste modo, foi observado que a presença em *Macunaíma* de uma razão afetiva, do desejo de estabelecer intimidade, da tendência de prolongar a vida familiar à esfera pública, do receio à solidão e dos valores personalistas apontam para o homem cordial, que encurta as distâncias entre os sujeitos.

**Palavras-chave:** Identidade nacional; caráter brasileiro; homem cordial; *Macunaíma*.

**ABSTRACT:** *Macunaíma* corresponds to the first approach of the Brazilian character in a fiction work, and it is believed that is also the first to bring the theme of the Brazilian cordiality. However, there is a gap in the literary studies regarding the appropriate treatment of the relationship of the hero with the cordial man present in *Raízes do Brasil*, written by Sérgio Buarque de Holanda. In the intention of supplying this gap, the present work, based in Holanda (1976), Proença (1978) and Zilberman (2002), intends to interpret the characters' actions in *Macunaíma* starting from the cordial man. For that, the following procedures were obeyed: the evidences were verified directly starting from extracted data of the text of the romance and later confronted with the mentioned authors' interpretations. This way, it was observed that the presence in *Macunaíma* of an affective reason, the desire of establishing intimacy, the tendency of prolonging the family life to the public sphere, the fear of loneliness, and personal values indicate the cordial man who shortens the distances among the subjects.

**Keywords:** National identity; Brazilian character; cordial man; Macunaíma.

Publicada em 1928, a obra *Macunaíma*, do escritor Mário de Andrade, aborda, de forma ficcional, o caráter brasileiro. Para isso, o autor se utilizou de elementos linguísticos e culturais retirados das várias manifestações que compõem o folclore nacional (CRUZ; CHAPADEIRO; MESQUITA, 2007, p. 12).

Desde seu lançamento, *Macunaíma* acumulou uma rica e variada fortuna crítica, constituída, em sua maioria, de estudos que se estendem da primeira à segunda metade do século XX. Dentre esses estudos, destaca-se o de Proença (1978) com a obra *Roteiro de Macunaíma*, editada em 1955. Nela, Proença faz alusão às reflexões de Tristão de Ataíde acerca da rapsódia andradina; e, com base na filologia, na estilística, história e crítica literária, faz o primeiro exame sistemático e minucioso do “discurso ficcional e das relações intertextuais deste com as suas fontes” (RAMOS JR., 2006, p. 10).

No entanto, os estudos críticos gerados com o surgimento da obra ficcional de Mário de Andrade – sejam eles de caráter impressionista, gramatical, estilístico ou histórico-documental, não abordam *Macunaíma* a partir da perspectiva do homem cordial – elemento esse descrito em *Raízes do Brasil*, obra publicada pela primeira vez em 1936. Neste livro, Holanda (1976), sob uma ótica histórica e sociopsicológica, reflete sobre as atitudes e o comportamento do brasileiro que estão nas bases da sociedade nacional até então constituída. Adepto aos ideais da Semana de Arte Moderna de 1922, o autor de *Raízes do Brasil* tenta, a partir da obra, “superar as interpretações do Brasil que a geração precedente, de extração, sobretudo, positivista e cientificista, legara à nação”. Em outras palavras, *Raízes do Brasil* representava, na época, uma nova maneira de interpretar a sociedade e a cultura brasileira, e respondia de forma mais coerente com o ideário modernista. Ou seja, sua explicação para a cultura nacional se contrapunha à “visão de setores hegemônicos da intelectualidade nacional” que predominava até então (ZILBERMAN, 2002, p. 238).

Os estudos acadêmicos mais modernos que tratam da relação entre Macunaíma e o homem cordial são bastante escassos e os que existem hoje trazem *Raízes do Brasil* apenas breves menções a respeito do tema. Dentre esses estudos, destaca-se aqui o ensaio de Zilberman (2002), intitulado *Das raízes e seus frutos*, no qual a autora reflete sobre a obra de Sérgio Buarque de Holanda, tratando sobre o contexto onde o livro surgiu, e sobre os propósitos, características, partes, conteúdo, repercussão, importância e significado da obra no quadro da cultura nacional.

Ao comentar sobre o capítulo referente à cordialidade brasileira em, Zilberman menciona os traços compartilhados entre Macunaíma e o homem cordial. Entretanto, esta abordagem não é o foco de suas reflexões e, por isso, não dá ao assunto o aprofundamento necessário. Deste modo, para preencher esta lacuna ainda presente nos estudos literários, o presente artigo, com base em Holanda (1976), Proença (1978) e Zilberman (2002), tem como objetivo geral analisar o comportamento e as atitudes das personagens da obra Macunaíma na perspectiva do homem cordial – elemento este mencionado e descrito por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*. E, como objetivos específicos, este trabalho pretende apresentar os componentes que constituem o caráter do herói, descrever as características da cordialidade brasileira, tal como abordadas por Holanda (1976), e refletir criticamente as ações e a conduta de Macunaíma e das demais personagens encontradas na rapsódia andradina.

O *corpus* para as análises foi constituído a partir do levantamento de dados observados no romance *Macunaíma*, de Mário de Andrade. A investigação proposta, por sua vez, foi guiada pelo método qualitativo – uma vez que as análises assumiram um caráter interpretativo e crítico-reflexivo acerca dos dados estudados – como também seguiu uma orientação tanto indutiva quanto dedutiva. Ou seja, partiu-se de evidências do caráter de Macunaíma observadas diretamente do texto andradino (procedimento indutivo); e depois tais evidências foram interpretadas a partir das reflexões presentes em Holanda (1976), Proença (1978) e Zilberman (2002) acerca do caráter brasileiro (procedimento dedutivo). A partir do diálogo e do confronto entre os dados e os referidos autores, chegou-se aos resultados aqui apresentados.

Nesta perspectiva, o presente artigo foi organizado da seguinte forma. Primeiramente, são feitas algumas considerações a respeito da cultura brasileira. Em um segundo momento, seguem os comentários acerca das obras *Macunaíma* e *Raízes do Brasil* – reflexões estas que correspondem ao ponto de partida das interpretações aqui levantadas. Num terceiro momento, são apresentadas as análises propriamente ditas acerca da personagem Macunaíma pelo viés do homem cordial e também os últimos comentários acerca dos resultados obtidos.

Como tem se observado, é fator preponderante na cultura brasileira, desde sua gênese, o caráter multifacetado e plural de suas manifestações. De acordo com Bosi (1993, p. 308-344), pode ser identificada, no Brasil, a presença dos seguintes agrupamentos culturais: a) a cultura universitária – referente às produções e meios acadêmicos; b) a cultura de massa – relativa aos meios de comunicação; c) a cultura popular – relacionada às manifestações folclóricas brasileiras; e d) a cultura individualizadora – referente às produções que vivem no limiar dos espaços formais e não formais de cultura. No entanto, nenhum desses grupos forma um bloco uniforme e coeso e sim, apresentam-se ramificados em inúmeras outras manifestações; como por exemplo, a própria cultura popular, a qual se mostra heterogênea e plural. Ou seja, o que se denominada cultura popular corresponde, em verdade, a um compósito constituído por vários “pedaços heteróclitos de uma herança tradicional” (ORTIZ, 1986, p. 134). Essa multiplicidade cultural brasileira também aparece na obra modernista de Mário de Andrade (1991).

*Macunaíma*, gênero sincrético e sem definição precisa, reúne em si o folclore e as tradições orais pertencentes ao imaginário popular brasileiro, aproximando-se das composições rapsódicas gregas. Por isso, a obra foi denominada de rapsódia, uma vez que apresenta em sua composição “uma variedade de motivos populares, que Mário de Andrade seriou, de acordo com as afinidades existentes entre eles, ligando-os, para efeito de unidade (...)” (PROENÇA, 1978, p. 7).

Na rapsódia, a identidade brasileira aparece como protagonista da história materializada em *Macunaíma*; e a aparente ausência de caráter do herói expressa,

na verdade, um caráter sobre-humano que agrupa em si vários perfis e personagens do cenário nacional, “ora boas, ora más”, mas “quase sempre ingênuas” (PROENÇA, 1978, p. 9).

O caráter brasileiro também aparece como centro das atenções em *Raízes do Brasil*, do historiador Sérgio Buarque de Holanda (1976). Dividida em sete capítulos, a obra que “se tornou um clássico de nascença” (CÂNDIDO In HOLANDA, 1976, p. XVII), busca nas raízes ibéricas a origem do perfil nacional.

Em um primeiro momento, Sérgio Buarque une portugueses e espanhóis, pertencentes à etnia ibérica, a partir de características comuns a ambos; para logo em seguida, em um segundo momento, separá-los em peculiaridades próprias a cada um. Já em um terceiro momento, detém-se na história, nas características e perspectivas nacionais. Ou seja, com base num estudo comparativo e sócio-histórico, “Sérgio Buarque de Holanda vai armando um mosaico, de onde extrai uma imagem, cujos traços correspondem à sociedade brasileira, entendida desde o ponto de vista de seu comportamento” (ZILBERMAN, 2002, p. 246).

Em síntese, ao fazer uma leitura atenta da obra, pode-se chegar ao seguinte raciocínio: o caráter brasileiro descende da cultura dos espanhóis e portugueses que, ao contrário dos demais povos fronteiriços da Europa, souberam levar, ao extremo, valores tidos como personalistas (HOLANDA, 1976, p. 4). O culto à personalidade se refere, pois, à iminência do indivíduo perante os demais. Está ligado a toda forma de expressão ou manifestação que evidencie o sujeito diante dos outros. Por isso, qualquer atividade e/ou postura que desqualifique o indivíduo a favor de um objeto ou objetivo exterior a ele próprio são estranhas a essa cultura. Daí advém a preferência ao ócio em contraposição ao negócio, a aversão a todo tipo de trabalho mecânico ou manual, o apreço às virtudes senhoriais e nobilitantes; como também o apego a todo tipo de estereótipos, ao saber ornamental e à vida fácil. Sendo assim, ao apreciar tudo aquilo que o dignifique entre outros sujeitos, o indivíduo personalista acaba sendo orientado pela lei do menor esforço e pelo espírito de aventura.

Ao aportarem em terras tropicais, os portugueses trouxeram sua cultura personalista e constituíram núcleos familiares fechados no interior da costa brasileira, passando às gerações seguintes seus costumes e tradições.

Deste modo, ao migrarem para os centros urbanos, os brasileiros – especialmente os pertencentes à classe hegemônica – trouxeram consigo esses valores e os levaram para todas as esferas da vida pública. Assim, o que se denomina homem cordial – “um traço definido do caráter brasileiro” (HOLANDA, 1976, p. 106) – resulta da adaptação da cultura personalista ibérica aos trópicos, expressa no prolongamento da vida familiar e dos valores patriarcais da zona rural à esfera pública:

A família patriarcal fornece, assim, o grande modelo por onde se não de calcar na vida política, as relações entre governantes e governados, entre monarcas e súditos. Uma lei moral inflexível, superior a todos os cálculos e vontades dos homens, pode regular a boa harmonia do corpo social, e portanto deve ser rigorosamente respeitada e cumprida. (HOLANDA, 1976, p.53).

Originalmente cunhado por Ribeiro Couto em carta dirigida a Alfonso Reyes (ZILBERMAN, 2002, p. 247), o homem cordial é a tão famosa lhanza de trato, a simpatia e a hospitalidade do brasileiro que a todos trata com familiaridade; elementos esses tão elogiados por turistas que aqui chegam. Isto é, a cordialidade brasileira está relacionada a todo comportamento de aparência afetiva que o brasileiro manifesta em sua relação com os demais e que rechaça qualquer tipo de tratamento formal e antifamiliar na conduta social (CÂNDIDO *in* HOLANDA, 1976, p. XVIII).

O que orienta esse tipo de comportamento é uma razão afetiva que se antecipa à razão objetiva, lógica e impessoal, e até se sobrepõe a esta última. Nas relações do homem cordial, há “nitidamente o predomínio do elemento emotivo sobre o racional” (HOLANDA, 1976, p. 137). Deste modo, o homem cordial não age racionalmente, mas subjetivamente, fechado em seu círculo de afinidades.

Avesso às distâncias intersubjetivas, o brasileiro acaba prolongando na vida social a intimidade dos grupos familiares; subvertendo, com isso, qualquer tipo

de polidez no trato ou qualquer código racional que sacrifique o indivíduo em prol de um ideal coletivo. Por isso, a cordialidade brasileira não deve ser confundida com virtude ou sentimentos bons. Antes de tudo resulta da vontade particularista e egocêntrica ligada a sentimentos primários provenientes do seio familiar. Desta forma, a amizade e o afeto podem, de uma hora para outra, quando contrariados, se transformar em rivalidade e vingança; uma vez que tanto o amor como o ódio procederem do coração (HOLANDA, 1976, p. 107). Visto por esse viés, o homem cordial ajuda a compreender as atitudes e comportamentos do protagonista e dos demais personagens da rapsódia andradina.

Ao longo da narrativa, os personagens em Macunaíma são movidos frequentemente pelas emoções. Quando os sentimentos são os de contrariedade, raiva e ressentimento, a vingança se torna a mola propulsora das relações. Evidências desse tipo comportamento podem ser vistas em algumas passagens da rapsódia em estudo.

Macunaíma, ao ser contrariado, chora a noite toda não deixando a tribo dormir (p.8)<sup>1</sup>. E sua mãe, no episódio da Maioridade, por conta das peripécias de Macunaíma, leva o herói para o mato e lá o abandona (p.15-16). Como também seus irmãos, Maanape e Jiguê, ressentidos por conta das desfeitas de Macunaíma, se vingam, jogando um tijolo em forma de uma “bola” (p. 50) no nariz do herói.

Contudo, quando os sentimentos são os de afeto e simpatia, as relações entre os personagens recaem no protecionismo:

A caapora possuía duas filhas e a mais nova que não era nada habilidosa e só sabia suspirar, enxergando a velha fazer fogo, imaginou: “Mãe quando vem da pescaria conta logo o que pescou, hoje não. Vou ver”. Desenrolou a tarrafa e saiu dela um moço bem do gosto. O herói falou:

- Me esconde!

Então a moça que estava mui bondosa porque vivia desocupada desde tempo, levou Macunaíma pro quarto e brincaram. Agora estão se rindo um pro outro. (p. 110).

---

<sup>1</sup> Para evitar a repetição excessiva do mesmo autor e ano, preferiu-se adotar entre parênteses unicamente a página relativa a palavras, trechos e episódios referentes apenas ao texto da obra Macunaíma.

Macunaíma, por sua vez, ao sentir compaixão por Naipi, se enche de coragem e enfrenta o mostro Capei para protegê-la (p. 30). Como também, é a morte da mãe que provoca “o primeiro deslocamento do herói”. No entanto, o segundo deslocamento, “que o conduz a São Paulo e preenche a maior parte da narrativa, decorre da perda da muiraquitã, lembrança de Cy, a amada morta” (ZILBERMAN, 2002, p. 249).

Movido pela gratidão, o herói presenteia o “surucucu” com vários tipos de alimentos (p. 113-114), apesar de o animal querer matá-lo. A mesma generosidade aparece em Vei, a Sol, a quem Macunaíma trai a confiança ao brincar com outra “cunhã” (p. 73), ao invés de suas filhas. Movida pelo afeto, a Sol cede aos pedidos do herói e deixa para ele e sua nova companheira uma pedra de fogo, a Pedra Vató (p. 75), para que o casal se aqueça.

Deste modo, as afinidades pessoais assumem maior relevância, resultando no que se conhece por apadrinhamento. Ele aparece quando Macunaíma consegue fugir da Velha Ceiuci e esta é presa pela polícia. Porém, logo é solta devido à influência do gigante Piaimã (p. 115). Isso revela a “insinceridade” das manifestações externas da cordialidade, pois, estando em função dos sentimentos, a conduta e o comportamento do indivíduo oscilam também em função dessas emoções. Desta forma, as relações sociais se subordinam a interesses particularistas, fechando-se ao seu círculo de amizades. O indivíduo, com isso, acaba excluindo os demais que não pertencem a seu círculo. Assim, tal comportamento está longe das preocupações sociais, visto que todo “afeto entre os homens funda-se forçosamente em preferências. Amar alguém é amá-lo mais do que a outros” (HOLANDA, 1976, p.139).

Tais interesses, que marcam o caráter cordial brasileiro, motivaram, segundo o próprio Sérgio Buarque de Holanda, as decisões políticas e sociais no Brasil ao longo da história nacional. Em decorrência disso, a maioria da população, vítima do descaso dos governos, ficou entregue ao abandono. Por isso, durante a narrativa da obra andradina, o leitor se depara com “carrapatos” (p. 9), “mosquitos” (p. 14), “piolhos” (p. 131), “baratas” (p.153) e outros parasitas que acompanham as



personagens ao longo da rapsódia. Como também a “escarlatina” (p. 47), a “constipação” (p. 99), o “sarampão” (p. 117), a “erisipela” (p. 129), a “febre” (p. 129) e outras enfermidades que aparecem no herói revelam o abandono da população a toda o tipo de doenças. A própria tribo de Macunaíma foi extinta, vítima de uma epidemia misteriosa que a exterminou, restando apenas o “silêncio imenso” que “dormia à beira-rio da Uraricoera” (p. 185).

Fundada no afeto, a dependência a cercos fechados de afinidade esconde outra face da cordialidade brasileira: a “aversão às distâncias” (HOLANDA, 1976, p. 109-110). Por isso, qualquer conduta, código e ritual que reforcem as distâncias interindividuais são driblados em prol da aproximação entre os sujeitos. Daí advém a frouxidão das leis morais, sociais e religiosas e de qualquer tipo de formalismo nas relações humanas.

Indiferente às leis conjugais, a luxúria de Macunaíma funciona como um meio de romper com qualquer barreira social que se imponha aos indivíduos. Deste modo, o herói “brinca” com suas cunhadas e com qualquer “cunhã” sem culpabilidade moral. O próprio termo “brincar”, referindo-se ao ato sexual, remete-se à infância, apontando para uma certa liberdade infantil que subverte a opressão do código e busca a satisfação imediata, situando-se para além de qualquer moralidade:

“Macunaíma não é imoral nem amoral. Pertence, antes, à categoria de ‘seres nem culpados nem inocentes nem alegres nem tristes mas dotados daquela soberba indiferença que Platão ligava à sabedoria’ (Aspectos, p. 163)”. (PROENÇA, 1978, p. 15).

O herói também não reconhece as hierarquias sociais. Brinca com a dona da pensão em que está hospedado e dorme no mesmo quarto que ela (p. 120), como também brinca com a copeira do gigante Piaimã (p. 117). Chega até a agredir um policial (“grilo”), por inveja, tratando-o como a um igual (p. 105), no episódio em qual mente e xinga a multidão (p. 104) que ajuda os irmãos do herói a procurar um animal que não existia na cidade de São Paulo (p.102). Isso aponta para:

a dificuldade em que se sentem, geralmente, os brasileiros, de uma reverência prolongada ante um superior. Nosso temperamento admite fórmulas de reverência, e até de bom grado, mas quase somente enquanto não suprimam de todo a possibilidade de convívio mais familiar. Deste modo, o desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira. (HOLANDA, 1976, p. 109).

Esse mesmo motivo se estende à prática religiosa que, no Brasil, se flexibiliza, se afrouxa e se humaniza. O próprio Macunaíma move-se, no decorrer da narrativa, por diversos cultos, não se firmando em nenhum. De frequentador assíduo da “murua”, da “poracê”, do “torê”, do “bacorocê” e do “cucuicoque” (p. 8), danças religiosas de sua tribo de origem, reza também aos santos católicos, “Nossa Senhora” e “Santo Antônio de Nazaré” (p. 55). Em seguida, passa a frequentar a macumba, filiando-se a Exu, divindade afro-brasileira (p. 59-68), para logo depois se converter à “religião Caraimonhaga” (p. 91). Também apega-se a superstições, como a da “formiga cupim” que, ao ser colocada no “chinelo do outro” traz morte (p. 91).

Macunaíma também não respeita o ritual religioso da macumba e entra “na sala cheia e afastando a mosquitada foi de quatro saudar a candomblezeira imóvel sentada na tripeça, não falando um isto” (p.60). E com os demais crentes “conversando pagodeando devoraram o bode consagrado e cada qual buscando o garrafão de pinga dele por que ninguém podia beber no de outro, todos beberam muita caninha, muita! Macunaíma dava grandes gargalhadas”. E acaba, com isso, derrubando “vinho na mesa” (p.63).

Essa última passagem se remete ao testemunho de Saint-Hilaire (*apud* HOLANDA, 1976, p. 11), que, ao visitar a Semana Santa de 1822, em São Paulo, observa que os devotos não se compenetravam “do espírito das solenidades” e os “homens mais distintos delas” participavam “apenas por hábito” e o povo a elas comparecia “como se fosse a um folguedo”.

A aversão do brasileiro ao formalismo e ao “impessoalismo” nada mais é do que o desejo de estabelecer intimidade (HOLANDA, 1976, p.108). É com esse intuito que Macunaíma mantém com desconhecidos que encontra pelo caminho

diálogos informais. É o caso, por exemplo, do encontro do herói com o “Currupira” (p. 16) e com a “cotia” (p. 17). Macunaíma os trata de forma familiar. Chama-os, respectivamente, de “avô” e “vó” e conta-lhes livremente as peripécias sem receio de ser intimidado. É o que ocorre também quando se encontra com “Capei, a Lua” (p. 75). Pede a ela “a bênção” – tratamento dado a tios, tias, avós e aos pais – e ainda a chama de “dindinha Lua”. Neste contexto, também se inserem as tão frequentes gargalhadas (p. 16 - 174) que acompanham Macunaíma ao longo da história – reflexos da sua espontaneidade – e apontam explicitamente para a busca de intimidade – uma das características da cordialidade brasileira.

O herói, também, chama os desconhecidos pelo primeiro nome, como na passagem da narrativa em que, fugindo das intenções libidinosas de Piaimã, encontra uma boneca de cera e, pensando que fosse uma mulher, cochicha:

– Caterina, sai daí sinão eu te bato!  
Macunaíma já meio impinado com ela, cochichou:

– Caterina, sai daí que sinão te bato!  
A mulatinha ali. Então Macunaíma deu um bruto dum tapa na peste e ficou com a mão grudada nela. (p. 54)

Na própria narrativa aparecem seres chamados pelo nome, como o “Currupira” (p. 16), a “Cotia” (p. 17), “Vei, a Sol” (p. 70), “Capei, a Lua” (p. 75), Oibê (p. 152), Uiara (p. 178) e outros. Com isso, Macunaíma estabelece uma relação pessoal com eles em um primeiro contato – situação que exigiria maior polidez e formalidade na interação social entre as partes.

As próprias relações de simpatia que o herói mantém com os personagens também apontam para o desejo de intimidade; expresso, por exemplo, no episódio em que Macunaíma recita alguns versos para a vaca do leite e esta cede gratuitamente leite para ele (p. 55). Essa tendência à intimidade também se estende às relações comerciais. O tratamento amistoso que o mercador “Tequeteque” mantém com Macunaíma para tentar conquistar o herói e vender sua mercadoria (p. 119-120) remete a isso. Este último caso reporta para as observações de um negociante finlandês que, chegando ao Brasil, manifestou “seu

espanto ao verificar que no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês havia a necessidade de fazer dele um amigo” (HOLANDA, 1976, p. 109).

O discurso narrativo expressa em si essa busca por intimidade. A narrativa se encontra organizada de forma a simular a fala de um contador de histórias que utiliza a variedade popular para contar seus casos, relatando informalmente as aventuras do herói.

O desejo por intimidade também aparece no uso quase que abusivo dos diminutivos, que expressam afeto. Construções do tipo “tardinha” e “chegadinha” (p. 10), “filhinhas” (p. 40), “safadinho” (p. 45), “agorinha” (p. 51), “bem de mansinho” (p. 57), “cheinha” (p. 69), “deu uma mijadinha” (p.107), “té-loguinho” (p. 119), “pertinho” (p. 136), “danadinho” (p. 142), “dindinha” (p. 75) e outras, marcam a fala do brasileiro e, portanto, aparecem na fala de Macunaíma e dos demais personagens ao longo da narrativa; uma vez que

a terminação ‘inho’ aposta às palavras serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos, e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los do coração. (HOLANDA, 1976, p. 108).

Esse desejo de estabelecer intimidade aparece como reflexo do medo que o brasileiro possui da solidão:

No “homem cordial”, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo, cada vez mais, à parcela social, periférica, que no brasileiro – como bom americano – tende a ser a que mais importa. Ela é antes de tudo um viver nos outros. (HOLANDA, 1976, p. 108)

E citando Nitzche, o autor encerra o parágrafo: “Vosso mau amor de vós mesmos vos faz do isolamento um cativoiro”.

Esse medo se prolonga à prática religiosa ao tratar com intimidade os santos, como no episódio da Macumba, quando Macunaíma trata Exu de “pai” (p. 65-66) e pede à divindade afro-brasileira auxílio para se vingar de Venceslau Pietro

Pietra. O herói revela, com isso, “uma transposição característica para o domínio religioso desse horror às distâncias que parece constituir, ao menos até agora, o traço mais específico do espírito brasileiro” (HOLANDA, 1976, p. 110).

Macunaíma, ao longo do enredo, aparece sempre acompanhado pela família – representada pelos irmãos que o segue até São Paulo –, ou por outros personagens e até pelas mulheres com as quais “brinca”. E mesmo quando não se encontra mais com eles, o herói não aparece totalmente só, mas em companhia de um papagaio falador (p. 173) e de um galo e uma galinha – que o seguem desde a partida de São Paulo (p. 147), o acompanham ao “quarto-de-hóspedes” em casa de Oibê (p. 153), encontram-se junto a Macunaíma quando este fica só à beira-rio do Uraricoera (p. 173-183) e se tornam com o herói a Constelação da Ursa Maior (p. 183). O receio à solidão aparece também, quando acometido pela lepra, Macunaíma passa a doença para os insetos, afim de “não morrer sozinho” (p. 165).

Esse aspecto em Macunaíma decorre da dificuldade do herói em distinguir o público do privado, estendendo a vida familiar à esfera social – visto que, durante uma parte significativa de sua vida, foi a família o exemplo de organização social que teve o maior peso. Deste modo, no transcorrer da narrativa, aparecem formas de tratamento que remetem ao ambiente doméstico, como os termos “avô”, “vó”, “tia”, “tio”, “parente”, “primo”, “sobrinho”, “neto” e outros que surgem nas interações entre Macunaíma e os demais personagens.

Zilberman (2002, p. 249), ao refletir sobre o caráter cordial de Macunaíma, chama a atenção para a dimensão familiar, fator determinante nas relações sociais do herói ao longo da narrativa: “Lhaneza, hospitalidade e generosidade podem não comparecer todas juntas na composição do protagonista da rapsódia andradina, mas seu mundo é determinado pelo universo familiar”.

A família, então, acaba se tornando a única referência que orienta o comportamento e a conduta social brasileira. Isso explica o predomínio ao longo da história nacional entre os brasileiros de

Vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal. Dentre esses círculos, foi sem dúvida o da família aquele que se

expressiu com mais força e desenvoltura em nossa sociedade. E um dos efeitos decisivos da supremacia incontestável, absorvente, do núcleo familiar – a esfera, por excelência dos chamados “contatos primários”, dos laços de sangue e de coração – está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós. (HOLANDA, 1976, p. 106).

Sendo assim, o prolongamento desses “contatos primários”, provenientes de uma família patriarcal, prevaleceu durante muito tempo nas instituições e decisões nacionais. A sombra desses valores familiares acompanha o brasileiro em todas as esferas da vida pública. As próprias travessuras de Macunaíma, que aparecem ao longo da rapsódia, advêm de uma certa liberdade que se tem dentro do núcleo familiar. O herói mente, agride e desrespeita o alheio impunemente, tratando tudo e a todos como se fossem da família. Deste modo, os compatriotas e o país são vistos, sob a perspectiva do homem cordial, como uma grande família. Isso acaba dificultando a implantação de relações mais objetivas, próprias de um país em processo de democratização, no qual o que vale são os interesses coletivos e não os particulares (HOLANDA, 1976, p.101-102).

Proveniente, portanto, da família patriarcal, o homem cordial traz consigo a cultura da personalidade, herança do caráter português. A eminência do indivíduo se expressa na solenidade com que Macunaíma pronuncia a máxima “POUCA SAÚDE E MUITA SAÚDE OS MALES DO BRASIL SÃO” (p. 74) – que aparece no texto, na maioria das vezes, em caixa alta. Ela revela o apego do herói a pomposidades, a estereótipos e à fama. Macunaíma se encontra em várias situações sendo acompanhado de seu “séquito sarapintado de jandaias e araras-vermelhas” e “por toda a parte recebia homenagens” (p. 33); e também “brincava” com Ci para “não desmentir a fama” (p. 30).

A eminência individual transparece no conhecimento acerca da natureza que o herói insiste em demonstrar em vários momentos da rapsódia. Um saber que serve mais para impressionar do que para a uma finalidade concreta. Este saber aparece como um intelectualismo ornamental, indiferente à realidade social, que

leva o indivíduo apenas a se destacar perante os demais. Ou seja, o que o herói mais deseja é a notoriedade:

O que mais deseja é notoriedade e passar por ilustrado. Não sabe o nome de boteira de paletó, mas fica sem coragem de perguntar para que não o julguem ignorante; no Rio de Janeiro troca o presente da Sol por um retrato no jornal. Detesta que o examinem e põe logo as mãos nas cadeiras: – “Nunca viu não?” – Primeiro para os bichos que o contemplam quando se torna louro e, depois, na esquina da rua Maranhão, para o Curumim Chuvisco que o fitava com insistência. E, finalmente, arma um rolo, agride, perde a cabeça, porque um estudante o chama de desconhecido. (PROENÇA, 1978, p. 13).

A dedicação de Macunaíma em colecionar palavras desconhecidas do público para impressionar, que aparecem como “palavras-feias” (p. 8) no texto — algumas provenientes do latim e do grego (p. 57-58) – é um exemplo disso. Essas palavras aparecem mais adiante na carta “pras icamiabas” (p. 77-90), mas não funcionam quando usadas contra Piaimã (p. 107); ou seja, não servem quando aplicadas à realidade concreta. Sobre a atenção dada à erudição, Holanda (1976, p. 122) afirma:

Como Plótino de Alexandria, que tinha vergonha do próprio corpo, acabaríamos, assim, por esquecer os fatos prosaicos que fazem a verdadeira trama da existência diária, para nos dedicarmos a motivos mais nobilitantes: à palavra escrita, à retórica, à gramática, ao Direito formal.

O amor bizantino dos livros pareceu, muitas vezes, penhor de sabedoria e indício de superioridade mental, assim como o anel de grau ou a carta de bacharel.

Tais virtudes nobilitantes levam o homem cordial a nortear-se pela lei do menor esforço, indiferente a toda e qualquer atividade que exija um maior esgotamento físico para ser executada. A indisposição a esses tipos de trabalho aparece explicitamente na expressão “Ai! Que preguiça!” (p. 8), que acompanha Macunaíma no desenrolar da narrativa.

No episódio em que chega a São Paulo, o Herói, ao perceber que terá que “trabucar” (p. 39), fica contrariado. A lei do menor esforço também aparece quando o herói xinga os trabalhadores da construção de um açude, “condenados ao

vil ofício de servirem” (p. 82), gritando “Diabo leve quem trabalha” (p. 167). O homem cordial receia qualquer trabalho em que o objeto se sobreponha ao indivíduo, por acreditar que este tipo de trabalho subverte a sua própria dignidade. “Pode dizer-se, ao contrário, que a prejudica e a avilta. O trabalho manual e mecânico visa a um fim exterior ao homem e pretende conseguir a perfeição de uma obra distinta dele” (HOLANDA, 1976, p. 10).

Fugindo de trabalhos manuais e/ou esforços que põem em jogo a dignidade individual e aspirando a valores nobilitantes, Macunaíma manifesta a preferência pela vida fácil e pela busca da satisfação imediata, movido pelo espírito de aventura. Isso se reflete no desejo por dinheiro: “Macunaíma dandava para ganhar vintém” (p. 8); e no realismo mágico que ultrapassa as fronteiras regionais. Fugindo da Velha Ceiuci, o herói passa de “Manguape” a “Bacamarte”, na Paraíba, depois pela “Barra do Poti no Piauí”, pela “de Jejeú em Pernambuco” e pela “dos Apertados do Inhamum (...)” (p. 113). Macunaíma chega até a romper com os limites nacionais:

Estava contemplando aquele torso macanudo quando escutou “Baú Baú!” Era a velha Ceiuci chegando. Macunaíma esporeou o cardão-pedrês e depois de perto de Mendoza na Argentina quase dar um esbarrão num galé que também vinha fugindo da Guiana Francesa, chegou num lugar onde uns padres estavam melando. (p.112)

Pois, para o aventureiro, tudo se apresenta com generosa gratuidade e “onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive de espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes” (HOLANDA, 1976, p. 13). Como também: “Vive aproveitando as ocasiões, falta-lhe aquele espírito de trabalho que exige persistência” (PROENÇA, 1978, p. 12). Deste modo, o objeto final assume mais relevância do que os processos intermediários para se chegar até ele. O ideal, portanto, do aventureiro “será colher o fruto sem plantar a árvore” (HOLANDA, 1976, p.13).

De acordo com Holanda (1976), o espírito aventureiro é peculiar aos povos coletores que apenas usufruem do solo, sem dele cuidar. Isso remete ao



próprio comportamento da tribo de Macunaíma. Os parentes do herói e os demais componentes da tribo não trabalham o solo, mas apenas usufruem do que já existe, do que a natureza lhes oferece. São apenas coletores. Deste modo, a busca exclusivamente pela satisfação pessoal resulta no individualismo que marca o caráter do homem cordial.

Macunaíma, pois, guiado por esse intuito, não partilha o que consegue com os irmãos, deixando-os com fome (p. 15). O mesmo faz com o gigante Oibê. Come toda a “pacuera” do monstro (p. 153) e, por isso, acaba sendo perseguido pelo gigante (p. 153-157). Assim, ao dedicar-se apenas à satisfação própria e ao mérito pessoal, o herói “afirma-se ante os seus semelhantes indiferente à lei geral, onde esta lei contrarie suas afinidade emotivas, e atento apenas ao que o distingue dos demais, do resto do mundo” (HOLANDA, 1976, p.113).

Desta forma, ao trazer a público, desde 1928, a cordialidade brasileira em sua composição, Macunaíma precede Sérgio Buarque de Holanda. A própria ociosidade do herói, reflexo em solo tropical da cultura ibérica, não representa apenas uma acomodação ou adaptação às condições subumanas em que se encontra o brasileiro, mas também funciona como uma resistência a um sistema econômico que mais valoriza o produto material do que quem o produziu, que se torna indiferente a qualquer forma contemplativa de vida; que julga “inútil” o brilho “das estrelas” (ANDRADE, 1991, p. 181).

## Referências

ANDRADE, M. de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Notas finais de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Círculo do Livro, 1991. (Col. Grandes da Literatura Brasileira).

BOSI, A. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: *Dialética da Colonização*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 308-344.

CRUZ, D.; CHAPADEIRO, J. F.; MESQUITA, L. Macunaíma, o herói brasileiro de todos os tempos. 2007. Disponível em: <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/3%20-%20macunaima,%20o%20heroi%20brasileiro%20de%20todos%20os%20tempos.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2009.

HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. Pref. de Antônio Cândido. 10. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.

ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PROENÇA, M. C. *Roteiro de Macunaíma*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

RAMOS JR, J. de P. *A fortuna crítica de Macunaíma: primeira onda (1928-1936)*. 2006. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ZILBERMAN, R. Das “raízes” e seus frutos. *Revista Brasileira – Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 33, p. 237-254, out./nov./dez. 2002.